

RESENHAS

A onda conservadora: Ensaaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil

Cristian Barreto de Miranda¹

Resenha de: DEMIER, Felipe; HOVELER, Rejane (orgs.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

Na conclusão de *a Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*, obra publicada em 1995, Eric Hobsbawm, consciente de que as forças históricas que moldaram o século XX, geradas pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, continuaram em operação na transição dos séculos, manteve, apesar de mínima, uma posição de esperança frente ao século XXI². Creio que os contemporâneos do limiar dos anos 2000, aqueles que não foram impregnados pelos temores das previsões de cunho apocalíptico, apesar da conjuntura histórica dominada pelo conservadorismo, também estiveram revestidos da esperança que envolveu Hobsbawm. No Brasil, essa perspectiva da esperança, de um futuro mais promissor para a classe trabalhadora, foi nutrida com a ascensão de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder executivo do país. A esperança havia vencido o medo de um futuro baseado na implementação de programas políticos que contemplassem os interesses de uma classe dominante, ainda mais, em detrimento dos direitos da classe trabalhadora do país.

Atualmente, a esperança evocada no início do milênio não passou, para muitos, de uma mera ilusão. Penso que até mesmo os temores que permeavam aquela conjuntura histórica não possibilitaram supor que vivenciariamos, na segunda década desse milênio, um dramático período em que as tendências conservadoras, fundamentalistas, extremistas, machistas, homofóbicas, xenófobas e excludentes ganhariam, cada vez mais, espaço hegemônico nos debates em torno dos problemas que afetam a sociedade. Tendências que são, ainda mais, fortalecidas pelo surgimento de lideranças mundiais e nacionais que difundem e implementam programas políticos neoliberais.

A força atual do conservadorismo no Brasil, capitaneada pela direita reacionária do país e que não se limita à esfera da política, é discutida de maneira desafiante e profunda na obra organizada pelos historiadores Felipe Demier e

¹ Discente do curso de Doutorado em História do PPGH-UFBA.

² HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 561.

Rejane Hoeweler, intitulada de *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Essa obra, dividida em duas partes, reúne 20 artigos de distintos pesquisadores que publicaram recentes textos sobre as diversas ações reacionárias praticadas pelos poderes políticos e pelas camadas sociais do país. O grande desafio da obra é o seu objeto que circunscreve numa temporalidade recente e que se articula com fontes diversas, especialmente com as fontes da grande imprensa. Por tratar de conjunturas não concluídas e permeadas por intensos embates e paixões, a referida obra pode suscitar desconfiças por parte de alguns leitores, pelo motivo dos pesquisadores serem contemporâneos do seu objeto e por se definirem como pesquisadores-militantes.

Todavia, tal desafio é superado pelo esforço reflexivo e profundo dos pesquisadores envolvidos que teceram suas análises assentadas nos procedimentos teórico-metodológicos da história do tempo presente, além de possibilitarem uma fértil construção de estratégias dialogais com diferentes áreas do conhecimento. Além disso, suas investigações são, extremamente, honestas, pois apresentam seus lugares de fala e as suas concepções teóricas, e como elas articulam-se na sua *práxis* acadêmica, de vida, sem que isso prejudique suas análises, pelo contrário, enriquece-as e não percorrem os *caminhos sombrios* em que muitos aventuram-se em pisar para tornarem suas investigações legítimas.

Ao realizar a primeira leitura desse livro, o leitor é tomado por dois sentimentos: de um pessimismo frente às atrocidades em curso por essa *onda conservadora*, pois as denúncias presentes em cada texto são de uma consistência acadêmica e de um grande esforço em desvelar os vetores desse sombrio período presente entre nós; e de uma preocupação em fomentar espaços de debate sobre essas ações e as formas possíveis de superá-las. Creio que esse último sentimento aproxima-se do principal objetivo dessa coletânea, que além de oferecer aportes e elementos para a análise do atual conservadorismo no Brasil, pretende “incitar o debate entre os movimentos populares e a esquerda revela, sem dúvidas as principais vítimas da atual ‘onda conservadora’ no país”³.

A coletânea encerrada em dezembro de 2015 e lançada em abril de 2016, poucos meses antes da aprovação do *impeachment* de Dilma Rousseff, apesar de dedicar-se em analisar o processo histórico após a reeleição de Dilma, em 2014, este que ainda está em desenvolvimento, realiza de maneira ímpar uma corajosa e inteligente crítica ao modo de governar do Partido dos Trabalhadores (PT), desde quando assumiu o executivo do país, e as responsabilidades do transformismo do PT frente à adoção de um projeto político de esfacelamento dos serviços universais e de qualidade em função tanto das contrarreformas sociais quanto “das metas de superávits que impõem uma *pilhagem* do fundo público pelo rentismo. O modelo petista de ‘inclusão social’ baseou-se, na verdade, no

³ DEMIER, Felipe. O barulho dos inocentes: a revolta dos “homens de bem”. IN: DEMIER, F.; HOEWELER, R.; (orgs.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. p. 24.

que poderia chamar uma cidadania do consumo”⁴. Dito isto, esta análise do recente período democrático brasileiro, tem como ponto de partida as manifestações de junho de 2013, conhecidas como as “Jornadas de Junho”, e as manifestações de direita em 2015 e em 2016.

Os desdobramentos das manifestações multitudinárias em junho de 2013, iniciadas contra os aumentos de tarifas do transporte público em São Paulo e que propiciaram uma crítica atenuada das ações corruptas dos membros do Congresso Nacional, possibilitaram um crescimento de mobilizações populares, ocupações e greves no país em torno de lutas por melhores condições de moradia, mobilidade, emprego, saúde e educação. Essas mobilizações teceram significativas críticas ao governo de Dilma Rousseff, que se acentuaram no desenvolvimento das crises política e econômica no país. Um governo, segundo Demier, assim como o antecessor governo petista, “esteve longe de construir um modelo de cidadania social-democrático”⁵, por outro lado, demonstrou ser “uma eficiente máquina partidária capaz de gerir o capitalismo brasileiro melhor e mais seguramente do que as próprias representações políticas tradicionais da burguesia brasileira”⁶.

Nesse sentido, o conservadorismo partiu do próprio governo federal, composto por uma aliança entre o PT e os setores mais conservadores da política nacional, e avançou entre os segmentos médios superiores devido a essa gestão. Os efeitos dessa simbiose petista foram cruéis para os trabalhadores, um deles é a atual conjuntura do país, já que após o *impeachment* de Dilma, a correlação de forças tornou-se extremamente favorável ao capital, sendo executadas *às claras* pelo antigo vice da chapa petista-pmdebista, Michel Temer. Todavia, a percepção hegemônica desse conservadorismo, que apresentou suas nuances também em 2013, aconteceu após as eleições de 2014 e ganhou maior força empírica em 2015, a partir das manifestações da direita. O pior viés do conservadorismo político, econômico e moral - como salientou Guilherme Boulos no primeiro artigo que abre a coletânea e responsável pelo título *A onda conservadora* - foi acirrada, como afirma Demier, pelo *cheiro do povo* que desvelou o tradicional *ódio de classe* cultivado pelos estratos superiores brasileiros.

O processo do retorno da direita às ruas do país, as ações ultraliberais por parte do poder político e a ruína do lulismo, especialmente junto às classes dominantes, são discutidos na primeira parte da coletânea, *Conservadorismo, luta de classes e política no Brasil*. Os artigos reunidos nesse bloco, especialmente *O Massacre do Paraná: a ofensiva ultraliberal do Governo Beto Richa contra os trabalhadores*, de Gilberto Calil, *A era da pilhagem*, de Ruy Braga, e *A Revolta a favor da ordem: a ofensiva da oposição de direita*, de Felipe Demier,

⁴ Idem, p. 19.

⁵ Idem, p. 19

⁶ DEMIER, Felipe. A revolta a favor da ordem: a ofensiva da oposição de direita. IN: DEMIER, F.; HOEVELER, R.; (orgs.), op. cit., p. 54

possibilitam compreender o processo da atual escalada repressiva e a configuração do regime democrático a limites ainda mais estreitos, ações características da *democracia blindada*, fortalecidos por uma agenda política de ataque aos direitos sociais e trabalhistas, expressadas na violência política sobre os trabalhadores, afim de contemplar as demandas de acumulação do capital. O embate para ser o representante executivo dessa agenda política entre os dois monstruosos aparelhos partidários do recente regime democrático brasileiro, Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e PT, possibilitou o crescimento exponencial das forças de oposição da direita.

No discurso *neoudenista* da anticorrupção, contexto abordado por Demian Melo em *A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira*, a direita ganhou as ruas sob uma agenda contra os partidos de esquerda, orientada pela mídia e pelo fundamentalismo cristão, como também, financiada pelo capital norte-americano. A atuação de entidades transnacionais que dizem “espalhar a liberdade” e a “democracia do livre mercado” mundo afora, imbricadas no contexto do neoliberalismo e, principalmente, do seu caráter “autoimune”, discutida por Rejane Hoeveler, em *A Direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da “nova direita” brasileira*, é responsável pela renovação da militância de direita e pela sua funcionalidade.

Além disso, o avanço da direita nas ruas também contribuiu para uma crise na esquerda, pois a ruína do lulismo, identificado atualmente, por parcelas da população, como representante da atual esquerda devido o passado do PT, contribuiu para uma desconfiança frente ao projeto de esquerda como alternativa de saída da crise política e da reorganização do movimento dos trabalhadores, aspectos discutidos por Valerio Arcary em *“Acabou o amor”: a ruína do lulismo e os dilemas da oposição de esquerda*.

De fato, uma das grandes consequências dessa conjuntura política tem sido os mecanismos de despolitização da sociedade brasileira, especialmente da classe trabalhadora, principal prejudicada pelos efeitos do ajuste fiscal, que assistiu inerte à destruição de seus direitos promovida pelo governo de Michel Temer/PSDB. Aspecto percebido nas dificuldades da esquerda quanto da direita de mobilizarem as massas em defesa dos seus interesses partidários e da chamada grande política; e também percebido no entendimento de que a saída da crise política instalada no país ser daria através do cerceamento do regime democrático ou da eleição de candidatos considerados apolíticos. Tais elementos são discutidos por Marcelo Badaró Mattos em *De junho de 2013 a junho de 2015: elementos para uma análise da (crítica) conjuntura brasileira*.

Diante dos inúmeros casos de corrupção que são exibidos diariamente nas mídias, do peso do poder econômico nos processos eletivos e após a *ilegalidade* do processo de *impeachment* de Rousseff, cresce no país o sentimento de que os partidos, os movimentos sociais e as organizações classistas, particularmente a trabalhista, são desnecessários para uma nova configuração

política, sendo os mesmos considerados redutos de comunistas e bolivarianos que tentam implementar uma ditadura do proletariado no país. Palavras de ordem defendidas por artistas conservadores da música e do humor são analisadas nos artigos de João Cavalcanti, *Música e conservadorismo no Brasil contemporâneo: um pouco sobre os novos gurus do velho discurso de ódio*, e de Romulo Mattos, *Lobão e Roger Moreira: a guinada conservadora de dois roqueiros dos anos de 1980 (companheiros de viagem dos humoristas “politicamente incorretos”)*.

Soma-se a essa conjuntura a legitimidade de ações violentas e intolerantes contra as minorias sociais sob a justificativa de corromperem os bons costumes, a moral e as *famílias de bem*. Como também, contra aqueles que defendem bandeiras de lutas em defesa dos direitos humanos e sociais fundamentais, compreendidos, principalmente pelo tradicionalismo comportamental, pelo fundamentalismo religioso e pelo conservadorismo político, como defensores de bandidos, de preguiçosos e de aproveitadores, que dissipam seu ódio aos jovens negros, aos pobres, aos indígenas, às mulheres, aos homossexuais e aos beneficiários dos programas sociais do Estado nas redes sociais.

Essa conjuntura é discutida no segundo bloco desta obra, *Hegemonia conservadora, cultura e modo de vida*, que reúne artigos refletindo que a *onda conservadora* não se limita apenas no âmbito do embate político, mas que inunda os espaços de cultura afetando nos comportamentos e no modo de vida da sociedade brasileira, tendo como principais agentes as grandes mídias, artistas, jornalistas, acadêmicos, cantores e humoristas “politicamente corretos”. Nesse sentido, como evidencia Alvaro Bianchi no capítulo que inicia esse bloco, *A Guerra que estamos perdendo*, a cultura é analisada como um importante espaço de conflito de classes e que, a cada dia, a correlação de forças torna-se, ainda mais, favorável para o capital.

Destarte, o artigo de Carla Luciana Silva, *A direita e sua imprensa: o papel da revista Veja*, evidencia algumas estratégias do Grupo Abril, diante de uma crise, em fortalecer a pragmática liberal, o reacionarismo antipopular e o pensamento da “nova direita”. As facetas do pensamento da “nova direita” podem ser observadas nos artigos de André Guimarães Augusto, *O que está em jogo no “mais Mises, menos Marx”*, que analisa o objetivo da difusão de uma ideologia aristocrática defensora da ditadura de elite, da formação de milícias privadas, da libertinagem da propriedade privada e do fascismo de mercado; de Juliana Fiuza Cislighi e Hidelbrando Saraiva, *Redução da maioria penal no Brasil: a quem interessa o encarceramento de nossa juventude?*, que realizam o esforço de desmistificar as teses midiáticas sobre a relação de crianças e adolescentes na violência do país e de apresentar os interessados pela redução da maioria penal.

Nesse segundo bloco, também são discutidas as táticas empreendidas pela onda conservadora para aviltar a democracia e os direitos sociais em detrimento de atender às demandas do capital financeiro sob um discurso de

modernização, inovação, eficiência empresarial, progresso e homogeneização dos comportamentos, aspectos analisados pelos artigos de Simone Silva, *Pesquisando para o capital: o ajuste fiscal e um novo padrão de financiamento de pesquisa*; de Eduardo Tomazine, *A produção da cidade capitalista, problemas urbanos e ondas conservadoras*; de Juliana Fiúza Cislighi, *A agenda conservadora para a saúde no Brasil*; e de Bianca Bulcão Lucena e Cristiane Marques Seixas, *A medicalização do inconsciente: a lógica do consumo na categorização dos sujeitos*.

Quais níveis essa *onda conservadora* alcançará? Até quando estaremos imersos nas nuvens desses tempos sombrios? São questões, creio eu, impossíveis de serem respondidas, visto que o conservadorismo possui eficazes ferramentas para a manutenção de sua hegemonia nos poderes de Estado e na sociedade brasileira. Entretanto, a obra aqui resenhada aponta os primeiros direcionamentos para irromper com essa escuridão, sem, contudo, deixar de sinalizar os perigos durante essa travessia de rompimento dos vetores desses sombrios e temerosos tempos. Mariana Patrício Fernandes em *Mulheres que furam a onda: vozes dissonantes em um Brasil machista* exemplifica significativamente a experiência das mulheres em resistirem e enfrentarem a opressão machista e capitalista, seu artigo sinaliza estratégias para *furar essa onda*.

Compreendo que esses aspectos sejam os elementos de grandeza dessa coletânea, pois a profundidade de análise sobre a realidade dos tempos atuais ao denunciar as práticas reacionárias proporciona perceber os interesses que movem as engrenagens do projeto neoliberal capitaneado pela direita brasileira, sendo possível perceber, sem disfarces, a sua face mais cruel. Ao mesmo tempo, possibilita alertar a sociedade e, especialmente, a esquerda brasileira para constituir novos rearranjos políticos de superação dessa *onda* sem estabelecer um prolongamento do passado lulista ou do presente em que suas bases se encontram divididas. Destarte, urge reorganizar, através de novos fundamentos, as bases da esquerda brasileira no intuito de constituir um novo projeto político para que os desdobramentos das lutas sociais não fortaleçam os ventos que engrandecem os níveis de amplitude dessa *onda conservadora*.

Resenha recebida em 13.10.2018

Aprovada em 28.20.2018